

Como Amar Uma Filha

Tradução de Telma Costa



NA PRIMEIRA VEZ QUE VI AS MINHAS NETAS, estava do outro lado da rua e não ousei aproximar-me. Na periferia suburbana de Groningen, as janelas são largas e baixas — e senti-me envergonhada pelo pouco esforço com que obtive o que tinha vindo procurar, assustada com a facilidade com que o meu olhar as apanhou. Mas também eu estava exposta. Bastava elas virarem somente um pouco a cabeça e ter-me-iam visto.

As meninas não mostravam interesse no que se passava na rua. Estavam inteiramente absortas em si, nas suas pequenas preocupações. Meninas com o tipo de cabelo claro e fino que nos corre entre os dedos como farinha. Estavam sozinhas na sala, bem perto, mesmo ao meu alcance. Se me tivessem perguntado, ter-me-ia visto bem atrapalhada para explicar a minha presença. Vim-me embora.

Esperei que anoitecesse e se acendessem as luzes da casa. Desta vez aventurei-me mais perto, hesitante por momentos em atravessar a rua. Quase tocava nas vidraças. Surpreendeu-me o à-vontade com que a família se movimentava lá dentro. Não era assim que me lembrava da minha filha... Fiquei espantada com a força da sua presença. Sussurrei-lhe o nome — Leah, Leah — só para dar sentido ao que via. Fiquei lá, não

muito tempo, uns minutos. Numa iluminação difusa, Lotte e Sanne, as filhas da Leah, estavam à mesa de jantar e no entanto pareciam em constante movimento, provocando mudanças na luz amarela. O marido, Yohan, estava na cozinha de costas para mim, ocupado com o jantar, e a Leah passava de uma divisão para a outra crucificada pelo caixilho da janela, desaparecia da sala e reaparecia na cozinha, adulterava a realidade como se pudesse atravessar as paredes. O fogão de sala estava apagado, mas envolvia a casa em tepidez. Fazia da casa um lar, é o que era. E havia livros por toda a parte, até na cozinha. Tudo ali sugeria plenitude, tudo aspirava a evocar a inocência das matérias-primas, o lenhoso das árvores da floresta, a lanugem das nuvens. E como eu observava a minha filha e a sua família sem eles saberem, estava sujeita a ser testemunha do que não tinha vindo testemunhar: corria o risco do espectador.

UMA MULHER QUE NÃO CONHECI, alguém sobre quem lera num livro há vários anos, era de Dublin e tinha onze irmãos. Quando chegou à idade adulta e se casou, deu à luz duas filhas. As filhas *nunca saíram à rua sozinhas. Nunca partilharam uma cama*. A mulher não revelava muito mais sobre as filhas, mas entendi que o que ela queria dizer é que lhes tinha amor e, ao mesmo tempo, não sabia como amá-las. Mas aqui é que está o difícil, o problema de amar. Ela tentou.

Foram para férias, a mulher, o marido e as meninas, uma viagem em família; estalou uma discussão estúpida, a mulher olhou pelo retrovisor e viu as filhas no banco de trás, a olhar para o ar. Reparou que a boca da filha estava metida para dentro e viu *com terrível presciência, aquele particular que iria estragar-lhe a cara, em breve ou mais tarde, aquilo que lhe tiraria a beleza ainda antes de adulta*. Palavras dela. E a mulher pensou: *tenho de a manter feliz*.¹

Quando li sobre essa mulher já tinha a minha filha, Leah. Uma menina viva e ruidosa de ano e meio. Murmurando-lhe

¹ As fontes dos pequenos trechos de outras obras que surgem ao longo deste livro encontram-se na Nota da Autora, nas páginas 267-268.

ao minúsculo ouvido — e às grandes orelhas do pai —, chamava-lhe sirene de nevoeiro. Eu e o Meir encantávamo-nos com a nossa sirene. Tinha mais nomes para ela, dúzias deles. Todo o tempo que passava no atelier, estava constantemente com saudades dela e puxava-a para os meus braços sempre que estávamos juntas. O amor pela minha filha chegou facilmente. O pai também estava apaixonado por ela; falávamos dela todas as noites, quando ela já estava a dormir, agradecíamos um ao outro a dádiva que era a nossa menina. Dava-lhe tudo o que me tinha sido negado, e mais. E ela também me tinha amor.

Tudo naquele bebé — a baba que lhe caía do queixo e empoçava no pescoço, as fraldas encharcadas de urina, o muco pegajoso dos olhos e do nariz quando ela estava doente —, tudo na Leah era bom. Por vezes, só de olhá-la e cheirá-la começava a salivar e sentia o impulso súbito de enterrar nela os dentes. Vou-te comer, dizia-lhe, vou-te engolir! E a Leah ria-se. Fazia-lhe cócegas para lhe sacar aqueles risinhos estrondosos e, se as pessoas à nossa volta se pusessem a olhar, eu não tinha vergonha. Muito pelo contrário.

Quando ela fez quatro anos, eu queria outro bebé. Disse ao Meir, imagina só, duas Leahs. Como se isso também significasse: diz que não. O que ele disse. Andei meses zangada com ele até que tudo aquilo caiu no esquecimento. O Meir passou os cinquenta, mudámos para um apartamento maior, chegámos à zona agradável das nossas carreiras, dormíamos bem, acompanhámos os quatro anos, cinco anos, seis anos da nossa Leah, não nos faltava nada. E a Leah cresceu.

YOCHAI, O IRMÃO MAIS NOVO DO MEIR, que também foi pai tarde, fala-me da filha dele. A miúda tinha sete anos quando ele se divorciou da mulher. Agora tem oito e quando ele a deita à noite, lhe dá um beijo na testa e lhe aconchega o cobertor, a ausência da filha já é palpável. Ela está lá e ao mesmo tempo já partiu, deixando-o indefeso, parado entre o que ela foi e o que ela será. Encontramo-nos num cafezinho da Baixa — até o Meir morrer, quase nunca conversámos, o Yochai ficava sempre embatucado na minha presença — e quando cheguei a casa nesse dia estava inquieta. Peguei num livro e li sobre uma mulher, não aquela da Irlanda cujas filhas nunca saíram à rua sozinhas, não, uma francesa cuja filha tinha passado dois anos na cadeia quando adolescente. Na história da filha, contada da prisão, ela afirma-se amada pelos seus pais, talvez *demasiado* amada, e portanto parece não ter a certeza se afinal gostavam dela. Pousei o livro. A capa fitou-me durante longos minutos, penso que não quero lê-lo mais. *Enquanto eu ia crescendo*, escreve a filha sobre a sua relação com a mãe, *tornei-me para ela o outro lado do muro*.

Penso na Leah aos catorze, aos quinze — os anos perigosos. Estudei o seu rosto centenas de vezes, milhares, sempre

a pensar, tão linda, linda de morrer. Às vezes dizia-lhe, és tão bonita, uma loucura, e a Leah revirava os olhos, endurecia as feições, e eu sabia que com o meu olhar amoroso, tão cego aos defeitos dela, a deixava ficar mal. E, no entanto, eu continuava a fazê-lo. Não me abstinha. Recusava-me a aceitar o muro entre nós.

Quero escrever sobre a Leah de uma assentada, dizer tudo. Mas, ai, faltam-me as palavras.

Gostaria de escrever sobre a Leah sem palavras.

VÊ-SE EM MUITOS FILMES. Uma família no carro, o pai ao volante, a mãe deslumbrante de um modo descontraído que fascina, as duas crianças muito animadas no banco de trás, todos a falar ao mesmo tempo. Esta é a vida de *antes* e está para acontecer uma coisa má. Um assalto na estrada. Um terrível segredo do passado. A boca encolhida da tua filha.

Eu até já vi um filme escandinavo que escolhia uma abordagem mais subtil da tragédia. Vi-o três vezes, para ter a certeza de não me ter escapado nada. A família estava de férias numa estância de esqui — pai, mãe, filho e filha. Os quatro eram atraentes mas não com exuberância, uma beleza plausível, ou melhor, um aspeto consciente das suas imperfeições físicas mas que opta por não se demorar nelas. E o que aconteceu a esta família, o acontecimento que se abateu sobre a moldura das suas vidas e a despedaçou numa teia de rachas e fissuras, foi uma avalanche que só durou uns segundos. Estavam a jantar num restaurante na encosta da montanha quando a avalanche se encaminhou para eles e pôs toda a gente à procura de um abrigo. Acabou num instante, a avalanche deteve-se a uma distância segura e os comensais voltaram para as suas mesas. Mas o golpe foi fatal, o mal estava feito, porque nesses

momentos de pânico, o pai saltou da cadeira e fugiu enquanto a mãe se atirou sobre os filhos para os proteger da ameaça da neve. E era disto, de saber que o marido fugiu para se salvar e os deixou para trás, que a jovem mulher tentava recuperar. A partir deste ponto do filme, com típica contenção sueca, desenrola-se toda a extensão da rutura.

Gostaria de ver, de quando em quando, mais filmes sobre vidas assim deformadas em vez daqueles que fazem a crónica dos embates ensurdecadores da existência. Gostaria de saber sobre outras famílias como a nossa, a minha, do Meir e da Leah, sobre erros que se cometem com tanta facilidade e que no entanto estão para além do perdoável. Os contratempos do dia a dia. Os crimes da vontade.

NO PRIMEIRO ANO DE VIDA DA LEAH, a minha mãe vinha visitar-nos com frequência e nunca de mãos a abanar, trazia sempre embalagens de comida caseira ou presentes caros que comprava para a neta (deixava as etiquetas com o preço). Sentava-se no sofá com a Leah ao colo, dava estalidos com a língua e embalava-a de um lado para o outro, ou punha-se ao lado dela no tapete, agitava as mãos e quando acabavam de brincar dava-lhe de comer, metia-lhe a colher na boca e logo a seguir limpava-lhe o queixo, colher-limpar, colher-limpar. Eu ficava à espera do momento em que a minha mãe se babava de emoção, em que o seu coração transbordava. Aquela carinha, quem poderia resistir-lhe? A Leah derretia-a.

A minha mãe ajudou-me a cuidar da bebé e o Meir também. O Meir, todas as manhãs, arranjava a Leah e levava-a para a ama e todas as tardes eu ia buscá-la e passávamos um bocado juntas, só as duas, ou as três, se a minha mãe estivesse, até ele voltar da universidade. Assim que chegava, o Meir agachava-se e inundava a bebé de festinhas e carícias, perguntas, pedidos de beijos e depois mais beijos, e batia o pé se lhe fossem negados, e uma Leah coberta de beijos ria, ria. A minha mãe fazia as suas despedidas um ou dois minutos depois de ele

chegar, saía e, fechada a porta, deixava-me sozinha a ver pai e filha às gargalhadas no sofá. A minha mãe não queria ficar a ver aquilo, não sabia apreciar a cena. E eu não sabia brincar assim com a minha filha, rosnar e rugir, produzir esse tipo de sons, e ficava pasmada. Embora por vezes o Meir fosse longe demais, e a Leah risse tanto que depois chorava.

TIREI UM SEM-NÚMERO DE FOTOS A LEAH. A descoberta da América, a alunagem, os nossos primogénitos. Obviamente, o mundo retém a respiração. Mas levamos anos até conseguir olhar para estes álbuns de fotografias da infância e reconhecer a maneira como o amor que temos aos filhos distorce e deforma a realidade que temos diante dos olhos. Nos primeiros dias de vida, ela era de uma palidez assustadora, quase transparente — um copo de leite. Uma anomalia. O meu coração ainda se sobressalta um pouco diante da expressão descarada dessas fotografias, a consciência que ela revela do seu valor logo no princípio. Na altura não percebi, só percebi muito mais tarde que é preciso aprender a amar primeiro os filhos dos outros, mas o meu amor pela Leah era o oposto de aprender, era esquecer tudo.

FORA DA MOLDURA, espremo o sumo de laranja da Leah, mas dentro ela já está a bebê-lo, hesitante, da sua caneca de plástico cor-de-rosa. O momento em que a acidez a atinge é sempre algo divertido de se ver. As vitaminas irrompem dentro dela, são absorvidas na sua corrente sanguínea e operam a sua magia: vejo-a sarar sem ter estado doente. E à noite também, quando ela está a dormir, sinto-lhe o crescimento, como massa a levedar, o corpo a desabrochar (deitada na cama, parece irracionalmente comprida). Nas raras ocasiões em que adoece — uma constipação ou algum micróbio — reluz outra criança debaixo da sua pele. Uma febre alta, em vez de a deixar fraca ou aturdida, põe-na agitada, numa palração incessante. Acho que é mania. Brilham os olhos, as faces afogueadas, a voz desce até um ribombar gutural. Assusta-me. Quando estas coisas acontecem, sei que não posso fazer nada por ela, que ela resvalou para os braços do destino. Mas nunca falha: um dia, no máximo dois, e a tempestade passa. A minha mãe telefona, toda aflita, a perguntar como está ela — quarenta anos de enfermeira num hospital ensinaram-lhe muito sobre os caprichos do destino: picos de febre em crianças muito pequenas aterrorizam-na, como qualquer outra forma de excesso, já o

tinha dito. A Leah está bem, garanto-lhe. A febre baixou e ela está a dormir.

Na manhã seguinte, a Leah está de novo risonha na sua cadeira alta. Acabámos de comprar a nossa primeira máquina fotográfica digital e agora posso tirar-lhe todas as fotografias que quiser, disparar sem quaisquer precauções. Com certa luz, os olhos da minha filha são tão azuis que parecem vazios. Eu tenho olhos castanhos, o pai também. O azul-claro dos olhos da nossa filha é um contrabando saído dos nossos corpos, um par hereditário que saltou duas gerações. A minha avó materna tinha olhos azuis, tal como o avô paterno do Meir. Com essa tal luz, o cabelo da Leah parece também muito louro, quase amarelo. Apago rapidamente as imagens demoníacas e, entre as restantes, escolho as mais bonitas para mostrar à minha mãe. Uma hora depois, a caminho do infantário, volta a Leah saudável, ansiosa por carregar em tudo. O interruptor da luz na caixa de escada. O botão do elevador. O comando para abrir o carro. A mesma coisa à tarde, no regresso — quer carregar no teclado do ATM, puxar as notas para fora da ranhura, introduzir a moeda no carrinho das compras, assinar o recibo do cartão de crédito. Com três anos e meio sabe escrever o nome dela, até tem uma assinatura cheia de voltas, como o laço de um presente. Em casa, rabisca-a em tudo o que é papel. *Leah, Leah, Leah, Leah*. Não me pede que lhe ensine a escrever outra coisa.

QUERO EU DIZER que o problema do amor não voltou a pôr-se. Durante toda a gravidez, angustiei-me com esse mistério. Tinha tudo previsto. Nessas longas tardes em que estávamos só as duas em casa, telefonava à minha mãe a contar a maravilha que era a Leah. Insistia em contar-lhe, não a deixava mudar de assunto, recusava-me a ouvir as histórias dela antes de ela ouvir as minhas, arranjava maneira de lhas impingir antes que ela percebesse. Contava à caixeira da mercearia da esquina (demasiado alto: nesse tempo, a minha voz nem sempre saía com o volume que punha nela): que andava eu a fazer na vida antes de ter esta filha? Queria dizer que não me lembrava de nada, tudo tinha desaparecido, voltei a nascer com a minha filha. Eram coisas que não podia dizer à minha mãe, iria mergulhar-nos num embaraço, a mim e a ela, ela só ouviria o que mais temesse. Mas era uma paixão. Estava apaixonada, apetecia-me subir aos telhados e gritar o meu amor pela Leah e nesse tempo não ligava a mais ninguém. Andava eufórica, a celebrar a invenção da minha maternidade. Os abraços, os beijos, os gorjeios e murmúrios do amor. Cuidava dela a pedido, de dia e de noite. Ela adormecia e acordava segundo o seu relógio interno. Dispensei os livros de puericultura. Cheirava as peúgas e cuecas dela antes de as

meter na máquina, inalava o seu cabelo oleoso, o seu hálito da manhã, cada um dos doces odores corporais. Ela caminhava descalça na sua caixa de areia, enterrava as mãos no pelo dos cães da vizinhança. Eu ignorava regras e restrições, e insistia em expor tudo isto à minha mãe, este amor por uma filha que inventara inteiramente sozinha e que não tinha qualquer semelhança com o amor da minha mãe por mim.

RARAMENTE ME ZANGAVA COM A LEAH. Digo isto porque nunca houve zanga, nem nesses primeiros anos nem mais tarde. Ela deixou-me muitas vezes exausta e nessas alturas eu fazia uma careta e elevava a voz, mas não ficava alterada. Andava a divertir-me. Quero dizer que aquilo me dava prazer, discipliná-la, corrigi-la, ser mãe. Numa coisa era firme: quando uma Leah a fazer beicinho começava a abanar os bracinhos e os assentava nas minhas pernas ou no meu peito ou contra a minha coxa, agarrava-a pelos pulsos e dizia, Não! Nunca se bate na mamã! Nem a brincar! E aí ela desatava a chorar. Após uns quantos episódios destes, ela nunca mais ousou bater-me. E no entanto, senti-me ferida mais do que uma vez. Quando ela murmurava — não a brincar, mas mesmo a sério — «Vai-te embora, deixa-me em paz», não conseguia encará-la, afastava-me dela uns minutos, e ela ficava desolada.

ESTOU A LER UM LIVRO SOBRE UMA MÃE que já não conseguia ouvir a filha chorar e, de súbito, há mães dessas em toda a parte — no recreio, no supermercado, na rua, nas salas de espera. Identifico-as pela respiração superficial, pela voz que conta até dez antes de falar. A loucura em posição, pronta a atacar. Afinal, não são as mãos pegajosas ou as pregas húmidas da pele suja, ou o ciclo interminável de dar de mamar e mudar fraldas, e as birras em público. O que as afeta, afinal, é o choro.

A Leah chorava de vez em quando, como todos os bebés. E foi sempre boa menina. Uma menina sem raiva. Só falava demasiado alto, a sua voz chegava longe, muitas vezes tive de a calar com um *chuu* envergonhado, na rua ou em casa de amigos. Fala baixo, Leah. A vergonha é um mecanismo simples, e a Leah percebia. As meninas pequenas percebem sempre.

NÃO PASSEI A NOITE EM GRONINGEN. Ao planejar a viagem, pensei que seria impróprio passar uma noite inteira na cidade sem a minha filha saber. Pensei que isso iria adulterar as minhas intenções. Só queria ver com os meus olhos e depois de ter visto regressaria imediatamente a Amesterdão para esperar o voo de regresso a Israel. Talvez estivesse cansada do longo escoar das horas de escuridão em Groningen ou não achasse outra maneira de me convencer da minha boa-fé.

NA ESTAÇÃO DE CAMINHO DE FERRO de Groningen, apanhei o comboio das 21h18 para Amersfoort e aí mudei de comboio para Amsterdão.

Antigamente, conduzia nas autoestradas da Europa sem medo nenhum. Nas nossas viagens a França, à Áustria, Alemanha, Escandinávia, eu e o Meir revezávamo-nos ao volante. Ambos apreciávamos as curvas súbitas que revelam a crista de uma montanha ou um vale reluzente cavado por um lago, e nos postos de gasolina havia rapazes imberbes com borbulhas a operar as máquinas de café e as estufas de cachorros-quentes, vidas inteiras que prosseguiam depois de nos irmos embora e nas quais não deixávamos marca. Mas agora não tenho confiança em mim. Facilmente me deixaria perder em pensamentos e tomaria a saída errada ou cairia numa vala. Decidi que era melhor apanhar o comboio. Também esperava poder dormir durante a viagem, mas sempre que fechava os olhos voltava a ter na frente o quadro da janela de Groningen. Não sabia para onde levar o drama que tinha posto em movimento, talvez não compreendesse o que tinha feito.

Pensei no Meir e no que ele diria se soubesse. Sempre receei a sua desaprovação, receio esse que não se atenuou mesmo

seis anos depois de ele morrer. Aquele fantasma continuava a fitar-me. E de súbito veio à superfície uma estranha recordação, uma coisa em que não pensava há anos e que não conseguiria evocar mesmo estando disposta a rememorar os belos momentos; e lá estava, ondulando à superfície. Tínhamos ido os dois a Paris, a nossa primeira viagem como casal. Foi no inverno e sempre que descíamos as escadas para o metro ele dizia, vai um bocadinho à frente, continua a caminhar. Gosto de olhar para ti.

Lembro-me que me deu vontade de rir nessa primeira vez. Achei aquilo encantador.

— Como?

— Olho para ti e penso, quem é aquela rapariga? — disse ele. — É lindíssima. A quem pertence? Se tentar falar-lhe, dir-me-á ao menos as horas?

Desatei a rir, aquilo era tão tolo.

— Caminha — insistiu ele —, caminha. Para eu poder olhar para ti. Sim?

Estávamos só a divertir-nos. Eu caminhava até à ponta da plataforma e voltava para trás, uma ou duas vezes, conforme o tempo que o metro levasse a chegar.

Esta recordação surgiu a caminho de Amersfoort e pareceu destoar, tão longe estava da vida que tínhamos partilhado.

EM AMERSFOORT, apanhei o comboio para Amesterdão. Mudei de carruagem três vezes até me instalar em frente a uma jovem mãe com dois filhos que ia calada e me lançou um longo olhar desconfiado antes de se remeter de novo ao seu mundo. Iam comendo fatias de maçã que tiravam de um saco e conversavam sem som, trocando olhares.

Sorri às crianças. A mãe sorriu-me. Para ela, eu era apenas uma senhora simpática no comboio da noite.

— Que idade têm eles? — perguntei e, ouvida a resposta, acrescentei: — Adoráveis.

Trocámos mais alguns gracejos. Manifestei a minha surpresa pelo número de passageiros a viajar àquela hora e numa carruagem profusamente iluminada que frustrava qualquer esperança de dormir. Depois, deixei-os em paz e eles ignoraram-me.